

# Centro de Análise da Resposta Social à Gripe Pandémica

Agir contra a Gripe



relatório público **01**

1 de Julho de 2009

Escola Nacional de Saúde Pública  
em colaboração com a  
Direcção-Geral da Saúde  
e apoio da  
Fundação Calouste Gulbenkian



## Parte 1

### Centro de Análise da Resposta Social à Gripe Pandémica – o que é ?

Fazer face a uma pandemia de gripe num país ou numa comunidade dependerá não só da qualidade da informação e das orientações das autoridades de saúde, mas também da resposta de cada pessoa, rede familiar, escola, empresa ou serviço público.

*A preparação de um país para enfrentar a pandemia de gripe é boa se for boa a preparação de cada região, concelho ou comunidade. A sua comunidade está preparada para fazer face a uma pandemia de gripe? (Adaptado de Harvey Fineberg, President of the USA Institute of Medicine, 2006).*

O **Centro de Análise da Resposta Social à Gripe Pandémica**, foi instituído pela Escola Nacional de Saúde Pública da Universidade Nova de Lisboa, em colaboração com a Direcção-Geral da Saúde do Ministério da Saúde e com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

O CENTRO tem como **principais objectivos**:

- Estudar a resposta social ao processo pandémico associado ao novo vírus da Gripe A(H1N1)v;
- Relatar periodicamente, no decurso do processo pandémico, os resultados da resposta social à Direcção-Geral da Saúde e através desta ao conjunto da sociedade;
- Procurar através deste ciclo análise/comunicação influenciar a qualidade da resposta social à pandemia de gripe (Figura 1).

O conteúdo deste relatório resulta da análise semanal da resposta social à ameaça pandémica, durante as últimas 10 semanas, com base na informação recolhida essencialmente de dois tipos de fontes: (i) comunicação social e Internet (ii) rede social dedicada do CENTRO.

Figura 1 Ciclo virtuoso de análise/comunicação da resposta social à pandemia de gripe



Estabelecer uma relação estreita entre a análise da resposta social e a capacidade de partilhá-la com a sociedade (comunicação) constitui um dos principais desafios desta abordagem.

Para estudar a resposta social à gripe pandémica o CENTRO constituiu uma “rede social dedicada” para o efeito.

A “**rede dedicada**” do CENTRO, numa primeira fase, terá a seguinte constituição:

10 empresas/instituições

220 redes familiares

100 redes familiares a partir das 10 empresas

100 redes familiares a partir da comunidade

50 de duas associações de diabéticos

50 de outra origem

20 a partir da Escola Nacional de Saúde Pública e da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa

10 Agrupamentos de Centros de Saúde

10 escolas primárias e secundárias

A constituição da rede evoluirá de acordo com as indicações proporcionadas pela análise da resposta social que entretanto se for desenvolvendo.

## Parte 2

### “Agir contra a Gripe” - pedra de toque para uma resposta social de qualidade

#### - Alinhar nas “regras do jogo” um desafio global

Este é um fenómeno global para cuja compreensão é necessário juntar peças de variadíssimas origens e que requer, para a sua contenção, comportamentos concertados por esse mundo fora. A Organização Mundial de Saúde (OMS) a nível global e o Ministério da Saúde (Direcção-Geral da Saúde) a nível nacional têm aqui um papel fundamental. O que se pede é capacidade de alinhar com as “regras do jogo” deste desafio global.

#### - Activar respostas inteligentes nas redes sociais de proximidade

As “redes sociais de proximidade” são espaços de convivência mais estreita no seio da família, da escola, do emprego, dos círculos recreativos, culturais e relacionais em que nos movemos.

“**Agir contra a gripe**” é partilhar, interpretar, descodificar informação e validar conhecimentos, antecipar o que pode acontecer e tomar decisões sobre isso (identificar, isolar e tratar precocemente; proteger os sãos, principalmente os mais vulneráveis, assegurar funções familiares, profissionais e sociais essenciais e contribuir para diminuir a transmissão da doença). Isto faz-se evitando comportamentos obsessivos ou de indiferença – aprendendo uns com os outros como gerir as exigências e os limites dos conhecimentos disponíveis, do bom senso, da acção solidária e da intrusão desnecessária.

*(...) Agir é calmante. Ter algo para fazer dá uma sensação de controlo às pessoas. Constrói confiança, e torna-as mais capazes de enfrentar o medo. (...) Alertar para que as pessoas se prepararem pode acalmar todos aqueles que estão preocupados em demasia e despertar os despreocupados (Artigo de opinião, Peter M. Sandman, Adaptado de Nature, Vol. 459, 21 May 2009).*

#### - Inovar em tempo de crise

A preparação para fazer face a uma pandemia de gripe requer a adopção de novos procedimentos e abordagens – melhorar processos de comunicação, introduzir novas modalidades de teletrabalho, encontrar novas formas de servir os clientes habituais e investir na aprendizagem à distância. Esta é também uma oportunidade para a inovação.

## Parte 3

### Mensagens prevalentes na Resposta Social à Gripe Pandémica

#### Alinhar nas regras do jogo de um desafio global – informação e incerteza na gripe pandémica

O conhecimento existente sobre as pandemias de gripe e o contexto em que decorrem não permite muitas certezas quanto ao futuro.

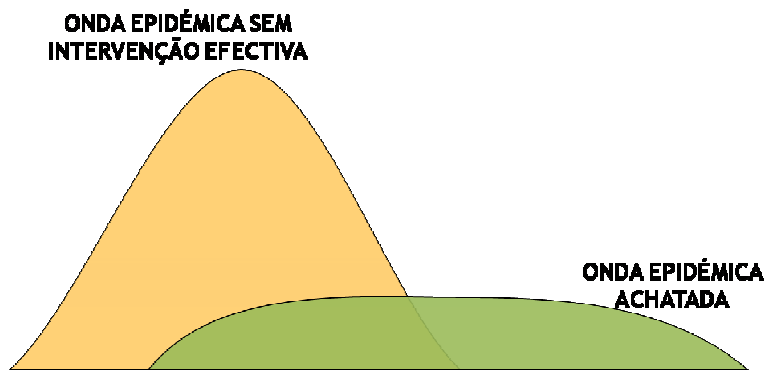
Gerir a incerteza é um dos maiores desafios com que nos deparamos em relação à ameaça pandémica.

#### Primeira e segunda Vaga

*“ (...) Nas próximas vagas o H1N1 pode tornar-se mais agressivo e a população, na primeira vaga não deve utilizar mais meios do que é habitual para evitar a propagação da doença pessoa a pessoa. Numa segunda vaga, as pessoas já contactaram com o H1N1 e já estarão mais protegidas caso haja um tipo de vírus mais virulento e agressivo”. (Declaração do Diário de Notícias de 13 de Maio de 2009).*

**Muito pelo contrário:** não sendo possível evitar a pandemia há que minorar os seus efeitos, “jogando contra” todos os factores que facilitam a transmissão da doença. O objectivo é **achatar a curva epidémica** (Figura 2). Assim, evita-se acumular um grande número de pessoas doentes num curto espaço de tempo, impedindo disfunções familiares, absentismo excessivo e uma grande afluência aos serviços de saúde.

Figura 2 Achatamento da onda epidémica



Organiza-te contra a gripe – o objectivo é simples: dificultar ao máximo a transmissão do vírus.

*Uma segunda onda de ataque do vírus poderá ocorrer em Setembro ou Outubro, e nessa fase a estirpe poderá ser mais agressiva e mortífera, alertaram especialistas numa sessão de esclarecimento sobre a Gripe A, promovida pela Ordem dos Farmacêuticos (Correio da Manhã, 15 de Maio de 2009).*

As pandemias de gripe podem dar lugar a uma ou mais “ondas” ou “vagas” epidémicas. Se for caso disso há que enfrentar uma de cada vez.

No fim da primeira onda há que rever os planos de contingência, incorporando a aprendizagem adquirida para a eventualidade de uma nova onda.

## Menor incidência nos idosos

*Um estudo do CDC descobriu que aproximadamente dois terços das infecções pela gripe suína na América foram em pessoas com idades compreendidas entre os 5 e os 24 anos, enquanto apenas 1% dos casos infectados se regista em maiores de 65 anos (The Economist – Reino Unido, 30 de Maio de 2009).*

*De acordo com o CDC, os adultos mais velhos podem ter alguma imunidade pré-existente à gripe suína H1N1. Exames laboratoriais mostraram que alguns adultos, especialmente aqueles com mais de 60 anos, tinham anticorpos contra a nova estirpe - “Ainda não sabemos o que isso significará em termos de imunidade real ou de protecção clínica” (ABC News, 21 de Maio de 2009).*

A pandemia de gripe em curso, tem atingido principalmente os jovens. Poderá não ser assim no futuro.

### Desproporção entre “investimento” e “gravidade do problema”?

Observa-se nalgumas empresas que há uma clara preocupação em estabelecer um justo equilíbrio entre o investimento para a preparação relativa à pandemia e a eventual gravidade da ameaça pandémica – **um equilíbrio entre o princípio da precaução e o princípio da proporcionalidade.**

A incerteza em relação à evolução do processo pandémico é um obstáculo importante – por um lado mesmo com um vírus de agressividade “moderada” a pandemia pode ter efeitos importantes no funcionamento das empresas, pela acumulação das múltiplas causas de absentismo a que dá origem. Por outro lado é difícil deixar de abordar o “worse case scenario” - a eventualidade de poder emergir uma estirpe mais agressiva do vírus pandémico. Em cada local é necessário encontrar esse justo equilíbrio.

Há uma forma de contribuir para isso:

Aproveitar o esforço de preparação que a pandemia requer, para tirar partido dos desenvolvimentos de carácter inovador para a empresa. Deste modo pode sempre haver alguma coisa a ganhar com o esforço e investimento necessários para uma boa preparação para a pandemia de gripe.

### “Teorias” da conspiração

*Já começa a faltar o assunto das epidemias e todo o teatro à sua volta (...). Os serviços médicos de cada país, dirigidos por políticos, querem mostrar serviço para não perderem votos, a comunicação social quer aumentar tiragens e audiências, mas há sempre um grande vencedor: a indústria farmacêutica. (...) O aviso às populações é benéfico e obrigatório, mas o que se está a fazer é alarmismo (opinião de um leitor, Visão. 7 de Maio de 2009).*

É importante evitar “teorias da conspiração” sem fundamento.

Estas são habitualmente baseadas em informação incompleta ou distorcida. Impedem juízos fundamentados sobre situações nas quais os nossos comportamentos podem ter um papel relevante. Há que compreender que a Organização Mundial de Saúde (OMS), a nível internacional, e a Direcção-Geral da Saúde (DGS), a nível nacional, adoptam processos de decisão centrados num elaborado sistema de consultas técnico-científicas obrigatórias, que estão especialmente desenhados para blindar estas organizações da interferência ilegítima dos vários interesses (económicos, políticos e outros) e minimizar tentações opinativas sem fundamento.

Como acontece com o aumento de qualquer doença, aqueles que têm à venda produtos efectivos contra a doença (vacinas, medicamentos) acabam por ser beneficiados. Não há qualquer fundamento para associar este facto à forma como as entidades internacionais e nacionais gerem a situação.

## Vacinas

*Margaret Chan pediu aos países que tenham casos de nova gripe que compartilhem as amostras do vírus a tempo para poder preparar a vacina, apesar da OMS não ter dado luz verde às farmacêuticas para começar a produção massiva (El País, 15 de Maio de 2009).*

*A população portuguesa definida como prioritária para receber vacinação para o vírus da Gripe A (H1N1) ronda os 35%, revelou o Director Geral da Saúde (...) Francisco George precisou que aquela percentagem resulta da conjugação dos grupos mais vulneráveis, entre os quais se incluem os idosos e doentes crónicos, com as pessoas que trabalham nos chamados serviços essenciais ou de utilidade pública e que, por isso, devem estar protegidas (Diário de Notícias, 21 de Junho de 2009).*

No próximo Outono estará disponível a habitual vacina sazonal contra a gripe, constituída a partir das três principais estirpes de vírus não pandémicos, que podem vir a circular depois do Verão.

Não é possível antecipar actualmente quando estará disponível a vacina contra o vírus pandémico para uma proporção significativa da população portuguesa.

A produção e distribuição da vacina pandémica suscitam questões de natureza técnica, logística e ética, para as quais as sociedades devem estar preparadas.

## Activação das redes sociais de proximidade

### Alerta ou Alarme?

*(...) os constantes alertas da OMS sobre a Gripe A estão a instigar uma onda de medo, pânico e ansiedade. “As autoridades deviam procurar as causas e não alarmarem mais a população”. (...) discordam das “medidas extremistas usadas em nome da saúde”, como a quarentena, que vão contra a Constituição e põem em causa os direitos mais básicos dos cidadãos (Testemunho em Expresso, 09 de Maio de 2009).*

Não há actualmente sinais objectivos de “alarme” na população portuguesa em relação à ameaça pandémica e são ainda muito poucos os dados sobre um “desejável” estado de alerta em relação à iminência de uma pandemia de gripe.

*A comunicação do risco deve ser objectiva, evitando qualquer alarmismo desnecessário. A transformação das previsões em certezas (na percepção das pessoas), contribui para o alarme (El País, 10 de Maio de 2009).*

*O Ministério da Saúde reitera o apelo aos cidadãos para que, “perante os sintomas sugestivos de gripe, de deslocação a áreas afectadas – E.U.A. e México – e de contacto com doentes confirmados, liguem primeiro para a Linha Saúde 24 (808 24 24 24) e sigam as recomendações dadas pelos profissionais de saúde. (Diário de Notícias, 16 de Maio de 2009).*

*Nos países desenvolvidos a implementação do princípio da precaução contribuiu para um clima de ansiedade desproporcional na opinião pública e na hiper reacção das autoridades de saúde, que teme vir a ser acusada de negligência (Le Monde, 6 de Maio de 2009, in El País, 10 de Maio de 2009).*

A melhor forma de ficar em alerta sem alarmes desnecessário é “agir contra a gripe”, activando as redes sociais de proximidade.

## **Dificuldade em traduzir localmente orientações gerais (nacionais e internacionais)**

*“A OMS quer alterar a tabela de alerta pandémico para o vírus da Gripe A. A ideia não é aumentar o grau de alerta, mas sim introduzir um novo critério, em função da agressividade do vírus” (Rádio Renascença, 5 de Junho de 2009).*

*“(…)«certos países parecem estar numa fase de transição, passando de contágios de viajantes para contágios dentro das comunidades (...) razão pela qual ainda não declaramos o nível de alerta seis»” (Diário Digital, 2 de Junho de 2009).*

*“(…) A OMS afirmou que a propagação da Gripe A (H1N1) para Grã-Bretanha, Espanha, Japão, Chile e Austrália coloca o mundo perto do alerta máximo de pandemia” (O Globo – Brasil, 3 de Junho de 2009).*

*“A OMS poderá encontrar nova fórmula para declarar a pandemia de gripe do novo vírus H1N1, estabelecendo três patamares de resposta dentro do nível seis” (Jornal de Notícias, 4 de Junho de 2009).*

*“A OMS declarou a primeira pandemia do séc. XXI. A Directora-Geral, Margaret Chan, disse que a subida para o nível 6 do alerta pandémico reflecte (...) apenas a forma como este vírus se estendeu pelo mundo e não a sua gravidade, que se mantém como moderada” (TSF, 11 de Junho de 2009)*

A OMS declarou recentemente (11 de Junho) o nível 6 do processo pandémico. O que é que isso significa para cada país?

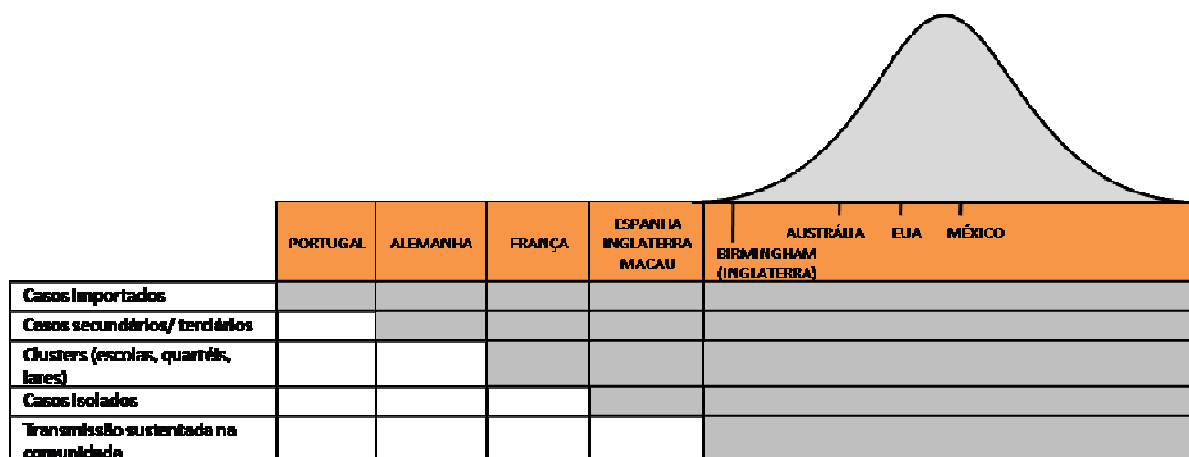
Significa que se confirma a expansão geográfica a nível global do novo vírus de Gripe e significa também que devido a isso, os diferentes países devem acentuar o seu estado de alerta em relação à propagação da pandemia.

Localmente, tem havido dúvidas sobre como interpretar esta declaração (nível 6), em termos de activação concreta de medidas contra a pandemia.

Em relação a isso, é importante acentuar que nos diferentes países (e em cada país em diferentes regiões e localidades) a situação epidemiológica durante a pandemia de Gripe, pode ser substancialmente diferente. Em alguns países (regiões/localidades) não há casos de infecção pelo novo vírus de Gripe A(H1N1)v, noutros há somente casos importados,

noutros ainda, existem já casos secundários e terciários em relação aos casos importados, noutros existem *clusters* de casos (quartéis e escolas no caso actual), noutras situações ainda, começam a aparecer casos isolados sem relação com os *clusters* ou com os casos importados e finalmente, progride-se para a transmissão sustentada na comunidade (*widespread*) (Figura 3).

Figura 3 Evolução da pandemia em cada país



A colocação dos diferentes países nesta figura está necessariamente desactualizada, dada a rapidez com que a situação evolui.

Em cada país as autoridades de saúde irão dando as orientações necessárias quanto à activação das medidas adequadas para fazer face a cada uma destas situações epidemiológicas.

## Parte 4

### Exemplos de boas práticas na resposta social à gripe pandémica

#### EPAL

A EPAL reforçou os *stocks* de máscaras, produtos desinfectantes e outros essenciais ao tratamento de água. Tem plano de contingência definido (TSF, 15 de Maio de 2009).

#### EDP

Tem um plano de contingência preparado. Tudo está previsto no documento, desde a salvaguarda da vida das pessoas, reduzindo o risco de contaminação nos locais de trabalho (por via do contacto com colegas ou por contacto com terceiros, nomeadamente o público), à limitação da propagação no interior das instalações da EDP (TSF, 15 de Maio de 2009).

Está ainda previsto no plano a aquisição de luvas e máscaras, assim como realizar o atendimento a clientes exclusivamente por telefone ou correio electrónico (TSF, 15 de Maio de 2009).

#### SONAE

Activou o seu plano de contingência previamente elaborado (TSF, 15 de Maio de 2009).

Tem definido procedimentos e recursos que permitem a manutenção de operações chave do negócio (TSF, 15 de Maio de 2009).

#### Agrupamento de Centros de Saúde da Amadora

Plano local de emergência: salas de isolamento, *kits* de protecção individual com máscaras cirúrgicas, luvas e batas descartáveis, reforço das medidas de higiene e formação dos profissionais (desde seguranças, empregadas de limpeza, administrativos, médicos e enfermeiros) (Público, 23 de Maio de 2009).

#### Unidade Local de Saúde (ULS) da Guarda

Promoção de reuniões com os profissionais de saúde para rever os procedimentos previstos no Plano de Contingência para a Gripe (Terras da Beira, 26 de Maio de 2009).

#### Câmara Municipal de Viana do Castelo

Elaboração de um Plano de Contingência, de forma a garantir aos cidadãos a continuidade de prestação de serviços essenciais no município num eventual cenário de pandemia. Inclui organização e preparação dos trabalhadores e medidas de protecção, como uso de

máscaras e limpeza e distribuição de produtos de higienização das mãos (Diário IOL, 26 de Maio de 2009; Diário de Minho, 27 de Maio de 2009).

### **Administração Regional de Saúde do Algarve (ARS)**

Sessão de esclarecimento aos funcionários das unidades turísticas (Diário de Notícias, 16 de Junho de 2009).

Sensibilização da população através da colocação de cartazes e distribuição de folhetos sobre o vírus A H1N1<sub>v</sub>, com o apoio da Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos (Diário de Notícias, 16 de Junho de 2009).

Sensibilização das escolas do ensino básico através da distribuição de cartazes e folhetos e cartas aos encarregados de educação sobre todos os procedimentos indispensáveis (Diário de Notícias, 16 de Junho de 2009).